

DOMINGU XXXII TEMPUS KOMÚN – TINAN A

Tema

Liturjia Domingu XXXII Tempus Komún nian konvida ita ba vijilánsia. Liturgia fó hanoin atu ita matan moris nafatin ba Na'i ne'ebé mai hikas no prepara fuan atu simu Nia.

Iha *leitura daruak*, Paulo garante sarani sira Tessalónica nian katak Kristu sei mai fali atu taka istória umana no inaugura realidade mundu definitivu; ema hotu ne'ebé adere ba Jezús no identifika an ho Nia sei bá hasoru Na'i no horik ho Nia ba nafatin.

Evanjellu fó hanoin katak “prepara an” atu simu Na'i ne'ebé mai signifika moris iha fidelidade ba Jezús nia hanorin sira no kompromete an ba valór sira Reinu nian, lora ba lora. Ho ezemplu fetu virjen “beik-teen” na'in lima ne'ebé la lori mina atu mantain ahi-oan lakan enkuantu hein noivu, fó atensaun mai ita katak valór Evanjellu nian de'it mak asegura partisipasaun iha festa Reinu nian.

Leitura dahuluk apresenta mai ita “sabadouria”, don gratuitu no inkondisionál Maromak nian ba ema. Ne'e mak kazu paradigmátiku ida kona-ba oinsá Maromak preokupa ho ema nia ksolok no tau ba nia oan sira nia dispozisaun bee-matan ne'ebé hasuli vida definitiva. Ema presiza de'it matan moris, vijilante no disponivel atu simu, iha momentu hotu, moris no salvasaun ne'ebé Maromak oferese.

LEITURA I – Sab 6,12-16

“Livru Sabedouria” nian mak livru resente liu Testamentu Tuan nian (primeira metade sék. I mK). Autor mak judeu ida Diáspora nian (Alexandria?) – halo elojiu ba “sabadouria” israelita, no fó sai sorte ne'ebé sei kona ema justu no ema aat no hodi foti ezemplu husi istória Ézodu nian hatudu sorte ne'ebé ema Ejitu hetan (idólatra sira) no ebreu sira nia sorte (fiél ba Jahwéh). Nia iha objetivu rua: hodi dirije ba maluk judeu sira (iha mundu paganizmu, idolatria no imoralidade nian), nia konvida sira atu deskobre fali bei-ala sira nia fiar no valór judaiku sira; dirije ba pagaun sira, nia konvida atu kontra idolatria no adere ba Jahwéh, Maromak loos no mesak... Ba sira hotu, nia hateten katak, Jahwéh de'it mak garante “sabadouria” loos, ksolok loos.

Testu ohin nian pertense ba parte daruak livru nian (kf. Sab 6,1-9,18). Autor tau iha liurai Salomão niaibun (maski iha livru la temi liurai nia naran ho modu esplísitu) “elojiu sabedouria” nian. Hodi dirije ba liurai sira seluk, Salomão konvide atu simu “sabadouria” (kf. Sab 6,11), basá nia furak, labele troka no garante imortalidade no ukun rohan-laek.

Sabadouria ida-ne'ebé loos mak refere iha-ne'e? “Sabadouria” mak arte moris di'ak, arte sai haksolok. Livru fó konjuntu ida prinsípiu prátiiku sira-nian, norma komportamentu nian ne'ebé dedús husi reflesaun no esperiénsia, atu tulun ema oinsá hala'o nia moris lorolora. Objetivu norma sira-nian mak mak halo ema moris iha armonia, ekilfbriu, orden no ho ézitu nakonu.

Reflesaun israelita identifika “sabadouria” ho Torah (Maromak nia Lei). Sai “matenek” mak – ba reflesaun judaika iha época ne'ebé “Livru Sabedouria” nian mosu – kumpre ho modu integrál ukun-fuan sira Lei nian. Iha “sabadouria”/Torah, ne'ebé Jahwéh revela, ema hetan dalan atu hetan susesu/ézitu, atu manán obstákulu sira ne'ebé moris lori no atu sai haksolok. Iha kontestu ida-ne'e mak ita tenke komprende konvite ba “sabadouria”.

MENSAJEN

“Sabedoria” la’ós, tuir autór testu nian, buat ruma misteriozu, haksumik an, ne’ebé difisil ba ema atu hetan... Ela brilha com brilho inalterável e atraente, que prende o olhar de quem a procura. Não é preciso correr atrás dela, com cuidado e fadiga, trilhando caminhos difíceis ou procurando em lugares recônditos e sombrios... Basta sentir interesse por ela, amá-la, desejá-la, que ela imediatamente se fará presente, oferecendo a vida e a felicidade a todos os que anseiam por ela. Quem ama a “sabedoria” facilmente “tropeça” nela, nas circunstâncias mais comuns da vida do dia a dia: à porta da casa, nos caminhos e até na intimidade dos próprios pensamentos... Para que a “sabedoria” ilumine a vida do homem, só é preciso disponibilidade para a acolher.

LEITURA II – 1 Tes 4,13-18

Leitura da Primeira Epístola do apóstolo São Paulo aos Tessalonicenses

Não queremos, irmãos, deixar-vos na ignorância a respeito dos defuntos, para não vos contristardes como os outros, que não têm esperança. Se acreditamos que Jesus morreu e ressuscitou, do mesmo modo, Deus levará com Jesus os que em Jesus tiverem morrido. Eis o que temos para vos dizer, segundo a palavra do Senhor: Nós, os vivos, os que ficarmos para a vinda do Senhor, não precederemos os que tiverem morrido. Ao sinal dado, à voz do Arcanjo e ao som da trombeta divina, o próprio Senhor descera do Céu, e os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro. Em seguida, nós, os vivos, os que tivermos ficado, seremos arrebatados juntamente com eles sobre as nuvens, para irmos ao encontro do Senhor nos ares, e assim estaremos sempre com o Senhor. Consolai-vos uns aos outros com estas palavras.

AMBIENTE

De acordo com os “Actos dos Apóstolos”, Paulo não teve muito tempo para evangelizar os tessalonicenses. Depois de poucas semanas de pregação, um motim habilmente preparado pelos judeus da cidade obrigou-o a deixar precipitadamente Tessalónica, deixando atrás de si uma comunidade cristã fervorosa e entusiasta, mas insuficientemente preparada do ponto de vista catequético (cf. Act 17,1-10). Paulo foi para Bereia, depois para Atenas e Corinto. De Corinto, Paulo enviou Timóteo ao encontro dos tessalonicenses, para verificar como é que a comunidade se estava a aguentar face à hostilidade dos judeus. No regresso a Corinto, Timóteo deu conta a Paulo da situação da comunidade: os tessalonicenses continuavam a viver com entusiasmo a sua fé, embora sentissem algumas dúvidas em questões de fé e de doutrina.

Um dos problemas teológicos que mais preocupava os tessalonicenses era a questão da

parusia (regresso de Jesus, no final dos tempos)... Paulo e as primeiras gerações cristãs acreditavam que esse dia surgiria num espaço de tempo muito curto e que assistiriam ao triunfo final de Jesus. A este propósito os tessalonicenses punham, no entanto, um problema muito prático: qual será a sorte dos cristãos que morrerem antes da segunda vinda de Cristo? Como poderão sair ao encontro de Cristo vitorioso e entrar com ele no Reino de Deus se já estão mortos?

É então que Paulo escreve aos tessalonicenses, encorajando-os na fé e respondendo às suas dúvidas. Estamos no ano 50 ou 51. O texto que nos é proposto é parte desse esclarecimento sobre a parusia que Paulo incluiu na carta.

MENSAGEM

Antes de mais, Paulo confirma aquilo que, provavelmente, já antes havia ensinado aos tessalonicenses: que Cristo virá para concluir a história humana; e que todo aquele que tiver aderido a Cristo e se tiver identificado com Ele, esteja morto ou esteja vivo, encontrará a salvação (vers. 14). Se Cristo recebeu do Pai a vida que não acaba, quem se identifica com Cristo está destinado a uma vida semelhante; a morte não tem poder sobre Ele... Isto deve encher de esperança o cristão, mantendo-o alegre, sereno e cheio de ânimo. Como é que se concretizará isso? Como é que aqueles que já morreram assistirão ao triunfo final de Cristo?

Paulo não é demasiado explícito, pois está consciente que se trata de uma realidade misteriosa, que foge à lógica e à linguagem humanas. De qualquer forma, para descrever a passagem do homem velho para a realidade do homem novo que vive para sempre junto de Deus, Paulo vai recorrer ao género literário “apocalipse”, um género literário que utiliza preferentemente a imagem e o símbolo (afinal, a linguagem mais adaptada para expressar uma realidade que nos ultrapassa e que não conseguimos definir e explicar nos seus detalhes). O quadro que Paulo traça é o seguinte: aqueles crentes que entretanto morreram ressuscitarão primeiro (“à voz do arcanjo”, “ao som da trombeta de Deus” – elementos típicos da escatologia judaica); depois, em companhia de “nós, os vivos”, irão ao encontro do Senhor que vem na sua glória e permanecerão com Ele para sempre. Em qualquer caso, o que está aqui em causa não é a definição do quadro fotográfico da última vinda do Senhor... O que Paulo aqui pretende é tranquilizar os tessalonicenses, assegurando-lhes que não haverá qualquer diferença ou discriminação entre os que morreram antes da segunda vinda de Jesus e aqueles que permanecerem vivos até esse instante: uns e outros encontrar-se-ão com o Senhor Jesus, partilharão o seu triunfo e entrarão com ele na glória.

ACTUALIZAÇÃO

Na reflexão e partilha, considerar as seguintes questões:

- A certeza da ressurreição garante-nos que Deus tem um projecto de salvação e de vida para cada homem; e que esse projecto está a realizar-se continuamente em nós, até à sua concretização plena, quando nos encontrarmos definitivamente com Deus.
- A nossa vida presente não é, pois, um drama absurdo, sem sentido e sem finalidade; é uma caminhada tranquila, confiante – ainda quando feita no sofrimento e na dor – em direcção a esse desabrochar pleno, a essa vida total em que se revelará o Homem Novo.
- Isso não quer dizer que devemos ignorar as coisas boas deste mundo, vivendo apenas à espera da recompensa futura, no céu; quer dizer que a nossa existência deve ser – já neste

mundo – uma busca da vida e da felicidade; isso implicará uma não conformação com tudo aquilo que nos rouba a vida e que nos impede de alcançar a felicidade plena, a perfeição última (a nós e a todos os homens nossos irmãos).

• Não é possível viver com medo, depois desta descoberta: podemos comprometer-nos na luta pela justiça e pela paz, com a certeza de que a injustiça e a opressão não podem pôr fim à vida que nos anima; e é na medida em que nos comprometemos com esse mundo novo e o construímos com gestos concretos, que estamos a anunciar a ressurreição plena do mundo, dos homens e das coisas.

ALELUIA – Mt 24,42a.44

Aleluia. Aleluia.

Vigiai e estai preparados,
porque, na hora em que não pensais,
virá o Filho do homem.

EVANGELHO – Mt 25,1-13

Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo São Mateus

Naquele tempo,
Disse Jesus aos seus discípulos a seguinte parábola:
«O reino dos Céus pode comparar-se a dez virgens,
que, tomando as suas lâmpadas, foram ao encontro do esposo.
Cinco eram insensatas e cinco eram prudentes.
As insensatas, ao tomarem as suas lâmpadas,
não levaram azeite consigo,
enquanto as prudentes, levaram azeite nas almotolias.
Como o esposo se demorava,
começaram todas a dormir e adormeceram.
No meio da noite ouviu-se um brado:
‘Aí vem o esposo; ide ao seu encontro’.
Então, as virgens levantaram-se todas
e começaram a preparar as lâmpadas.
As insensatas disseram às prudentes:
‘Dai-nos do vosso azeite,
que as nossas lâmpadas estão a apagar-se’.
Mas as prudentes responderam:
‘Talvez não chegue para nós e para vós.
Ide antes comprá-lo aos vendedores’.
Mas, enquanto foram comprá-lo, chegou o esposo.
As que estavam preparadas
entraram com ele para o banquete nupcial;
e a porta fechou-se.
Mais tarde, chegaram também as outras virgens e disseram:

‘Senhor, senhor, abre-nos a porta’.
Mas ele respondeu:
‘Em verdade vos digo: Não vos conheço’.
Portanto, vigiai, porque não sabeis o dia nem a hora.

AMBIENTE

Nos capítulos 24 e 25 do seu Evangelho, Mateus apresenta um quinto e último discurso de Jesus. Para compô-lo, Mateus reelaborou o chamado “discurso escatológico” de Marcos (cf. Mc 13) e ampliou-o com três parábolas e uma impressionante descrição do juízo final. Enquanto em Marcos, o “discurso escatológico” se refere, especialmente, aos sinais que precederão a destruição do Templo de Jerusalém, em Mateus o mesmo discurso aborda, sobretudo, o tema da segunda vinda de Jesus e a atitude com que os discípulos devem preparar essa vinda. Esta mudança de perspectiva tem a ver com as necessidades da comunidade de Mateus... Estamos nos finais do séc. I (década de 80)... Já tinha passado a “febre escatológica” e os cristãos já não esperavam a vinda iminente de Jesus. Passado o entusiasmo inicial, a vida de fé dos crentes tinha arrefecido e a comunidade tinha-se instalado na rotina, no comodismo, na facilidade... Era preciso algo que abanasse os discípulos e os despertasse de novo para o compromisso com o Evangelho. Neste contexto, Mateus descobre que as palavras do “discurso escatológico” de Jesus encerram uma poderosa interpelação; então compõe, com elas, uma exortação dirigida aos cristãos. Fundamentalmente, lembra-lhes que a segunda vinda do Senhor está no horizonte final da história humana; mas enquanto esse acontecimento não se realiza, os crentes são chamados a viver com coerência e entusiasmo a sua fé, fiéis aos ensinamentos de Jesus e comprometidos com a construção do Reino. A isto, a catequese primitiva chama “estar vigilantes, à espera do Senhor que vem”. A parábola que hoje nos é proposta alude aos rituais típicos dos casamentos judaicos. De acordo com os costumes, a cerimónia do casamento começava com a ida do noivo a casa da noiva, para levá-la para a sua nova casa. Normalmente, o noivo chegava atrasado, pois devia, antes, discutir com os familiares da noiva os presentes que ofereceria à família da sua amada. As negociações entre as duas partes eram demoradas e tinham uma importante função social... Os parentes da noiva deviam mostrar-se exigentes, sugerindo dessa forma que a família perdia algo de muito precioso ao entregar a menina a outra família; por outro lado, o noivo e os seus familiares ficavam contentes com as exigências, pois dessa forma mostravam aos vizinhos e conhecidos o valor e a importância dessa mulher que entrava na sua família. Os que testemunhavam o acordo, estavam prontos para ir avisar a noiva de que as negociações estavam concluídas e o noivo ia chegar... Enquanto isso, a noiva, vestida a preceito, esperava em casa do seu pai que o noivo viesse ao seu encontro. As amigas da noiva esperavam também, com as lâmpadas acesas, para acompanhar a noiva, entre danças e cânticos, à sua nova casa. Era aí que tinha lugar a festa do casamento. É este pano de fundo que a nossa parábola supõe.

MENSAGEM

A “parábola das dez virgens”, tal como saiu da boca de Jesus, era uma “parábola do Reino” (vers. 1: “o Reino dos céus pode comparar-se...”). O Reino de Deus é, aqui, comparado com uma das celebrações mais alegres e mais festivas que os israelitas conheciam: o banquete de casamento. As dez jovens, representam a totalidade do Povo de Deus, que espera ansiosamente a chegada do messias (o noivo)... Uma parte desse Povo (as jovens

previdentes) está preparada e, quando o messias finalmente aparece, pode entrar a fazer parte da comunidade do Reino; outra parte (as jovens descuidadas) não está preparada e não pode entrar na comunidade do Reino. A parábola original constituía, pois, um apelo aos israelitas no sentido de não perderem a oportunidade de participar na grande festa do Reino. Algumas dezenas de anos depois, Mateus retomou a mesma parábola, adaptando-a às necessidades da comunidade. A parábola foi, então, convertida numa exortação a estar preparado para a vinda do Senhor, a qual pode acontecer no momento menos esperado. A festa é, neste novo contexto, a segunda vinda de Jesus. O noivo que está para chegar é Jesus. As dez jovens representam a Igreja que, experimentando na história as dificuldades e as perseguições, anseia pela chegada da libertação definitiva. Uma parte da Igreja (as jovens providentes) está preparada, vigilante, atenta e, quando o “noivo” chega, pode entrar no banquete da vida eterna; a outra parte (as jovens descuidadas) não está preparada, porque apostou nos valores do mundo, guiou a sua vida por eles e esqueceu os valores do Reino. O que é que significa, na perspectiva de Mateus, “estar preparado para acolher a vinda do Senhor”? Significa, escutar as palavras de Jesus, acolhê-las no coração e viver de forma coerente com os valores do Evangelho... “Estar preparado” significa, fundamentalmente, viver na fidelidade aos projectos do Pai e amar os irmãos até ao dom da vida, em todos os instantes da nossa existência. A mensagem que Mateus pretende transmitir com esta parábola aos cristãos da sua comunidade (e, no fundo, aos cristãos de todas as comunidades cristãs de todos os tempos e lugares) é esta: nós os crentes, não podemos afrouxar a vigilância e enfraquecer o nosso compromisso com os valores do Reino. Com o passar do tempo, as nossas comunidades têm tendência para se instalar no comodismo, no adormecimento, no descuido, numa vida de fé que não compromete, numa religião de “meias tintas” e de facilidade, num testemunho pouco empenhado e pouco coerente... É preciso, no entanto, que o nosso compromisso com Jesus se renove cada dia. A certeza de que Ele vem outra vez, deve impulsionar-nos a um compromisso activo com os valores do Evangelho, na fidelidade aos ensinamentos de Jesus e ao compromisso com o Reino.